

# BIBLIOTECA E VITRAL DO COLÉGIO SANTA CRUZ: UM LUGAR QUE REMEMORA E UM ARTEFATO QUE CONTA HISTÓRIA

## COLLEGE SANTA CRUZ LIBRARY AND GLASS LIBRARY: A PLACE THAT REMEMBERS AND AN ARTIFACT THAT TELLS HISTORY

Bárbara da Silva Santos **1**  
Evelyn de Almeida Orlando **2**

**Resumo:** Este artigo objetiva estudar dois espaços do Colégio Santa Cruz dedicados ao intelectual que contribuiu na elaboração do projeto pedagógico da referida escola, onde é considerado a alma da instituição: Paul-Eugène Charbonneau. Isto posto, e considerando que as instituições escolares abrigam memórias de um passado ainda presente, este artigo destaca que estes dois espaços mantêm a memória do padre intelectual ao mesmo tempo que retratam todo o processo histórico educativo da escola, incluindo seus ideais e princípios. Assim, a ideia de comunicação com o passado se torna relevante no sentido de que a escola não se autodestrói, ela se reconstrói, mediante a observação da atuação de determinados sujeitos que, mesmo pertencentes a um passado remoto, têm uma ligação particular com a instituição e revelam símbolos que são preponderantes no processo de continuidade do espaço escolar, sobretudo no que diz respeito a ter respaldo para se modernizar.

**Palavras-chave:** Biblioteca. História da Educação. Memória. Patrimônio Histórico Educativo. Vitrais.

**Abstract:** In this article we aim to study two spaces of Santa Cruz School, dedicated to the intellectual that contributed in the elaboration of the pedagogical project of this school, where is considered the soul of the institution: Paul-Eugène Charbonneau. This being said, and considering that the school institutions keep memories of a past that is still present, in this article we highlight that these two spaces keep the intellectual priest's memory at the same time that they portray the whole historical educational process of the school, including its ideals and principles. Thus, the idea of communication with the past becomes relevant in the sense that the school does not destroy itself, it reconstructs itself, through the observation of the performance of certain subjects who, even belonging to a remote past, have a particular connection with the institution and reveal symbols that are preponderant in the process of continuity of the school space, especially in terms of having support to modernize itself.

**Keywords:** Library. History of Education. Memory. Educational Historical Heritage. Stained Glass Windows.

---

Licenciada em Pedagogia, Mestre em Educação, Doutoranda em **1**  
Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1070262569421016>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7408-9752>. E-mail: [ss.barbarasilva@gmail.com](mailto:ss.barbarasilva@gmail.com)

Doutora e Mestre em Educação, Licenciada em Pedagogia, Professora **2**  
da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5837085501572080>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5795-943X>.  
E-mail: [evelynorlando@gmail.com](mailto:evelynorlando@gmail.com)

## Introdução

No interior das instituições escolares, são abrigadas memórias de um passado ainda presente, pois são guardados objetos dos mais variados seguimentos, pertencentes aos que ali passaram. São símbolos que se constituem como elemento de uma memória e do patrimônio histórico educativo. Além de serem conservadores de um passado a ser conhecido pelas futuras gerações, tais objetos apresentam-se como possíveis fontes para o conhecimento de signos culturais<sup>1</sup> por parte dos historiadores da educação. Desvelar a historicidade dos objetos e espaços figurados enquanto patrimônio educativo salvaguarda a memória dos acontecimentos e personagens que constituíram a ação pedagógica da instituição.

Investigações acerca do patrimônio têm instigado pesquisadores da História da Educação devido à amplitude dos materiais/fontes e das possibilidades historiográficas. A noção de patrimônio revela parte da busca pela mediação do presente com o passado. Possamai (2012), ao discutir sobre o patrimônio como uma categoria de pesquisa na História da Educação, ressalta que, etimologicamente, o patrimônio está ligado a ideia de herança, de bens de propriedade e implica em cuidado. Com a modernidade, o sentido de conservação de elementos do passado se fortaleceu. De acordo com a autora supracitada, o patrimônio seria, então, a “[...] expressão de uma valorização do passado a partir do presente; um presente onipresente obcecado por si mesmo e que não tem outro horizonte de perspectiva em função da crise do regime moderno de historicidade, calcado no futuro” (POSSAMAI, 2012, p. 112). O patrimônio nos remete, dessa maneira, a preservação de um bem herdado, de valor social e cultural, passível de uma constante visitação para não cair no esquecimento.

Do mesmo modo que a noção de patrimônio se modificou, o que antes era conhecido pelos pesquisadores por patrimônio escolar, passou a ser patrimônio histórico educativo por conta da amplitude documental encontrada no ambiente escolar e os múltiplos significados de sua guarda, o que possibilitou englobar tanto a materialidade escolar, quanto as práticas e os sujeitos envolvidos com a escola. Essa pluralidade de objetos finda por se tornar acervos que apontam para um passado educacional que resistiu ao tempo e que conta a história da instituição. No entanto, Possamai faz algumas ressalvas. De acordo com a autora,

[...] são inúmeras as instituições escolares que guardam acervos de diversos tipos: mobiliário, cadernos escolares, manuais e materiais didáticos, entre outros. Não raras vezes essas coisas materiais, escritas e visuais formam memoriais, acervos e museus escolares. A constituição desses espaços também tem uma historicidade que merece ser pesquisada, pois expressa a relação da escola e dos sujeitos envolvidos com o seu passado e com o passado da educação. Quem guardou e por que guardou? Quais os valores atribuídos para guardar esses objetos e não outros? Quais as apropriações dos sujeitos da escola com esses espaços? (POSSAMAI, 2012, p. 117).

Se, por um lado, eles contam uma história, por outro, a historicidade de sua organização também deve ser levada em conta quando são investigados por historiadores da educação. Isto porque, o que foi, de certa forma, selecionado, tem dada relevância para a instituição e representa algo de muito valor para a sua história a ser lembrada. Sujeitos, espaços e objetos fazem de um prédio um memorial de gerações passadas.

Ao passo que a escola e seu passado se tornaram, segundo Mogarro (2013), objetos de grande interesse por parte dos pesquisadores, seus patrimônios constituídos foram ganhando novos enfoques, principalmente por parte dos investigadores ligados a história da educação. Faz parte dessa conjuntura de bens escolares os atores educativos, cujo significado para a instituição pode ser claro, mas que para o mundo investigativo pode estar encoberto. Por esforço de pesquisas que mobilizam essa temática é que a preservação e valorização do patrimônio

---

1 Cf. SILVA; ORLANDO (2019)

educativo tem se tornado cada vez mais relevante.

É nessa perspectiva que objetivamos estudar dois espaços do Colégio Santa Cruz dedicados à um intelectual, pensador do projeto pedagógico da referida escola, considerado a alma da instituição: Paul-Eugène Charbonneau. Importa destacar que a motivação para tecermos as reflexões presentes neste trabalho a respeito dos espaços inerentes àquela instituição se deu quando em visita para coletar fontes de pesquisa nos deparamos com um vitral onde o padre Charbonneau era retratado como o educador e a biblioteca que, além de possuir em seu projeto um local destinado as obras desse educador, o homenageou dando à biblioteca o seu nome.

Isto posto, em sua forma estrutural, este artigo é constituído por dois momentos, sendo o primeiro acerca da estrutura da biblioteca, sobre o que ela representa para a escola e como a podemos pensá-la enquanto um indício de patrimônio histórico educativo e lugar de memória. No segundo, por sua vez, o vitral é o objeto de análise que, junto à sua natureza de arte, tenta ressaltar seu caráter educativo por ser um elemento que educa sem a necessidade de ser explicado. Nesse contexto, pensamos ser oportuno apresentarmos algumas questões acerca da história do Colégio Santa Cruz e de quem foi Paul-Eugène Charbonneau.

Mantido pela congregação de mesmo nome, o Colégio Santa Cruz foi um projeto idealizado por padres que migraram do Canadá para o Brasil em 1944 com a missão de promover e expandir a ação católica da Congregação na América do Sul. Inaugurado em São Paulo em 1952 como Ginásio Santa Cruz nos moldes de semi-internato, a instituição passou para a categoria de colégio em 1957 e findou o regime de semi-internato em 1966. A partir de 1967, o Colégio Santa Cruz deixou de ser gerido apenas por padres proporcionando que os sacerdotes exercessem atividades em outros projetos. Nesse contexto, dos padres que continuaram à serviço da instituição, dois se notabilizaram: Lionel Corbeil<sup>2</sup> e Paul-Eugène Charbonneau.

Charbonneau integrou a escola assumindo a função de professor de filosofia em 1959, ano em que deixou o Canadá, país onde nasceu, e veio ao Brasil. Em 1965, passou a ser vice-diretor, tendo exercido este cargo até 1987, ano de sua morte. Para a escola, o padre Charbonneau era aquele que mantinha uma relação de amizade com os alunos ao mesmo tempo em que os ensinava. Era conhecedor dos problemas do seu tempo que envolviam os adolescentes e os pais e carregou essa bagagem como guia para educar os que estavam a sua volta, bem como para organizar o projeto pedagógico da instituição enquanto professor e vice-diretor.

No que diz respeito aos dois elementos pertencentes ao Colégio Santa Cruz anteriormente mencionados – o vitral e a biblioteca – ambos mantêm a memória do padre intelectual ao mesmo tempo que retratam todo o processo histórico educativo da escola, considerando os seus ideais e princípios. Nesse sentido, em função do próprio avançar do tempo, tudo está sujeito a transformações, especialmente instituições educativas, como é o caso da escola aqui estudada. Isto porque, com o intuito de apresentar um ambiente mais moderno, fomentou a construção de uma nova biblioteca – ou o novo prédio – trazendo essa proposta quando ainda era projeto e, conforme veremos no decorrer do texto, tem seus aspectos da modernidade assim como consegue figurar o ambiente como um lugar de memória.

## **A biblioteca Padre Charbonneau: integração entre passado e presente**

Quando a Biblioteca de Alexandria, um das maiores e mais importantes bibliotecas do mundo antigo, foi fundada no século III a.C. na cidade de Alexandria, a intencionalidade era que ela se tornasse uma espécie de centro cultural e farol intelectual do mundo, um lugar onde, por força da sua função e ambição dos idealizadores, se reuniram textos de todo o mundo e de todas as áreas do conhecimento. O esforço que aqui protagonizamos, o de rememorar um fato demasiado remoto, não tem por finalidade estabelecer qualquer tipo de comparação

---

<sup>2</sup> O padre Corbeil, que veio ao Brasil com a missão de fundar a Congregação de Santa Cruz em São Paulo, com a mediação do então arcebispo de São Paulo Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta e seus superiores da congregação, concretizou o projeto da construção do colégio, do qual foi diretor desde a fundação (1953), até 1992, ano de sua aposentadoria. Administrador do colégio, buscou desenvolver projetos com vistas a amenizar os problemas dos mais necessitados, seguindo uma vida comunitária de acordo com o carisma da congregação.

ou conexão entre a biblioteca supracitada e a que nos tem servido de objeto nesse trabalho. Ao contrário disso, essa evocação do passado, que mais se aproxima de uma analogia, nos serviu de base para refletirmos acerca da biblioteca recém inaugurada do Colégio Santa Cruz, sobretudo no que tange à função social e cultural das bibliotecas em relação à produção e difusão do conhecimento e à simbologia de se constituir como centro irradiador da cultura.

Fundada junto com a instituição, em 1952, porém, sem um espaço físico específico, a biblioteca do Colégio Santa Cruz funcionava em uma sala anexa ao refeitório e tinha poucos livros. Como a dimensão do espaço era limitada, os alunos apenas buscavam os escritos, não ficando para fazer a leitura naquele ambiente. Na medida em que colégio cresceu, a biblioteca o acompanhou. Com o passar dos anos, aumentou-se o número de bibliotecárias, assim como o acervo e o espaço. A mudança da rotina também influenciou o atendimento da biblioteca. Entre as décadas de 70 e 80, a escola, que antes funcionava em turno integral, passou a receber os alunos apenas em um turno. Como não havia necessidade de que eles fizessem a refeição no colégio, o refeitório foi desativado e, assim, a biblioteca passou a ocupar o bloco. A partir desse momento, ela passou a ter um lugar próprio, bem mais amplo, onde, além de guardar o acervo bibliográfico, também ocorriam alguns eventos, como palestras, conferências e até casamento. Apesar de não termos acesso à imagem do espaço anterior quando ainda era uma sala, na figura 1 temos a representação do prédio da época, em que vemos a ampliação desse espaço de acordo com a dimensão da edificação.

**Figura 1.** Antigo prédio da biblioteca do Colégio Santa Cruz<sup>3</sup>.



**Fonte:** Disponível em: <https://santacruz.g12.br/>. Acesso em: 22 nov. 2020.

Com a ideia de interligar o passado com o presente e, também, de acompanhar a configuração da sociedade atual, em setembro de 2020 a biblioteca foi inaugurada, sendo que, no processo de reforma, o prédio antigo foi demolido e um novo foi construído no mesmo lugar. Conforme disposto no endereço eletrônico oficial da escola, o prédio traz, além da modernidade, a reafirmação do projeto pedagógico da instituição. Sabemos que os dias hodiernos são caracterizados por uma sociedade envolvida pela informação. Diante deste cenário, a biblioteca foi desafiada a concorrer com aparatos tecnológicos que permitem ter acesso a informação de maneira instantânea. Conquistar novos leitores, de certa forma, passou a ser cada vez mais difícil. De acordo com Chartier (1998, p. 128), a proliferação do universo textual, por vezes, “[...] acabou por levar ao gesto da destruição, quando devia ser considerada a exigência da conservação”. Como fazer, então, para que este espaço, que começava a tornar-se não muito

<sup>3</sup> Não obtemos informação referente ao ano de construção desse prédio, porém, conjecturamos que o prédio seja da década de 70.

atraente aos jovens, chamasse a atenção deste público promovendo conforto e despertando a curiosidade e espírito de pesquisa ao mesmo tempo?

A iniciativa da instituição foi a de estimular o acesso ao conhecimento e ao passado a partir de instrumentos tecnológicos atuais, os quais estão presentes no cotidiano dos alunos, seja no ambiente escolar ou em momentos de lazer. Diante desta realidade, podemos pensar a biblioteca Padre Charbonneau como um “laboratório” de aprendizagens, onde diferentes saberes são desenvolvidos mediante a existência de distintos ambientes. O novo prédio comporta uma área útil de 2.000m<sup>2</sup> com dois andares e mantém o contato com a área verde da escola, assim como o restante da instituição. Agora com o prédio suspenso, a parte inferior permite momentos de socialização nas mediações da área de estudos, conforme vemos na figura 2.

**Figura 2.** Biblioteca Padre Charbonneau (2020), do colégio Santa Cruz.



**Fonte:** Disponível em: <https://santacruz.g12.br/>. Acesso em: 22 nov. 2020.

Ao passo em que é possibilitada essa relação de proximidade, há uma diminuição na distância existente entre os livros e diferentes tipos de leitores, pois quando estão em ambientes atrativos e interativos, os jovens – grande público da escola – deixam de temer aquilo que é visto como “exaustivo”, tendo em vista que estão acostumados com as telas. Em função disso, não só de livros impressos é composto o acervo da biblioteca. Como a ideia foi a modernização, ao mesmo tempo em que integra o passado também são disponibilizados livros digitais e audiovisuais, além de ter um estúdio de multimídias e mobiliários adaptáveis, que podem ser movidos de acordo com a finalidade do uso do ambiente.

A nova estrutura física do prédio é formada por vidro e aço, a qual proporciona uma alusão à modernidade, o que permite o contato visual com a área verde da escola. No espaço interno, é disponibilizado um acervo de aproximadamente 30.000 livros para consulta, relacionados às áreas das ciências em geral e obras literárias nacionais e internacionais. Para encontrar os livros, os usuários da biblioteca têm ao seu alcance tablets para consulta. Há também salas para estudos individuais e em grupos, proporcionando aos alunos momentos de socialização e trocas de aprendizagens, bem como para sozinhos fazerem leituras no silêncio, semelhante, podemos dizer, ao que ocorria na biblioteca de Alexandria e em tantas outras bibliotecas antes

da era digital. Darnton (2010) fala sobre essa mudança de conceito da biblioteca, agora mais interativa, mas ainda como espaço de saber e mediação cultural. Hoje, além dos livros e salas de estudos, a biblioteca do Colégio Santa Cruz conta ainda com espaços voltados para o fazer artístico e o desenvolvimento da criatividade, com salas destinadas às oficinas de invenção e espaços para exposições artísticas e culturais.

Um fato que circunda o contexto da inauguração dessa biblioteca é o de reunir, também, um acervo global. Além disso, é possível inferir, segundo Chartier (1998), que o espaço onde se encontra tal acervo também servirá para que o leitor possa “perambular” por entre as estantes, deixar-se imergir na materialidade impressa ali ofertada. Importa destacar que embora o prédio da biblioteca se encontre dentro dos limites do terreno pertencente a escola, o nome faz referência a um professor que, em vida, integrou o corpo docente da instituição, Paul-Eugène Charbonneau. Devido a essa questão de suma importância que, ao nosso ver, a fundação dessa biblioteca também congrega o caráter de patrimônio histórico educativo, pois a partir do momento que decidiram atribuir o nome desse professor à biblioteca, além de indícios de manutenção da memória desse sujeito, o significado dele para a instituição e toda sua representação como homem de cultura é ressaltado. Deste modo, com a iniciativa de reservar um espaço para expor livros de sua autoria e seus objetos pessoais, um lugar de memória foi constituído em uma via de mão dupla. Ao preservar a memória de Charbonneau, o próprio colégio se constituía como lugar de excelência por meio de seu maior símbolo intelectual. Nesse sentido, a construção de uma memória cujo sentido pode ser lido apenas como laudatório possui também um sentido educativo e simbólico.

Acerca desta questão, Nora (1993) afirma que os lugares de memória estão ligados a uma tentativa do não esquecimento, são demonstrações de que somos feitos de lembranças e que esses lugares “[...] são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora” (NORA, 1993, p. 12-13). Segundo o autor, por essa necessidade do lembrar, do não deixar esquecer, os lugares surgem e vivem com base em uma memória não espontânea, pois são organizados pela vontade da coletividade em reviver momentos.

Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial [...] prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar dos seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações (NORA, 1993, p. 22).

Conforme Nora (1993), esses lugares teriam, simultaneamente, os sentidos material, simbólico e funcional. A biblioteca do Colégio Santa Cruz, ao dispor arquivos do padre Charbonneau, é material e, ao mesmo tempo, simbólica porque palpita a memória de uma vida. Constitui-se como funcional, porque materializa e transmite para aqueles que estão no presente as lembranças de um passado vivido por poucos. Segundo o autor supracitado, o que se transforma em lugares de memória é o diálogo entre a memória e a história, um encontro que leva à “sobredeterminação recíproca”. Isso faz parte da ideia de que, se há a necessidade da memória, é porque precisa-se da história. A preservação dessa memória é um instrumento de reconstituição do significado de um grupo ou uma sociedade para si mesmo. Assim, escolher o nome de um professor e intelectual que repensou o projeto pedagógico quando tomou posse de sua função, é reafirmar para si e para os outros a identidade do colégio.

A efetivação da proposta do colégio, que foi a de construir uma biblioteca que ligasse o passado ao presente, pode ser verificada a partir do momento que reservou um espaço para exposição permanente do acervo de livros e objetos pessoais de um professor relevante para a instituição que, além de destaque na atividade docente, foi mentor do projeto pedagógico

da escola. Importa destacar, que essa conjuntura ou história, assim definido por Nora (1993), repousa em uma construção cujos moldes remetem à modernidade. Nesse caso, o encontro entre ambas as situações, espaço contemporâneo e passado remoto, não serve para reafirmar um ao outro, bem ao contrário. Enquanto a construção moderna almeja estabelecer certa conexão com a atualidade, a presença de memórias de agentes históricos de outrora enseja certo prolongamento das ações do sujeito, apesar da morte. Isto porque,

Os acontecimentos passados inscrevem as suas marcas no espaço físico, social, cultural, bem como na corporeidade e na consciência individuais. São esses vestígios que tornam possível visitar o passado e constituir cadeias temporais, que estruturam a percepção e a memória, uma vez que o passado, como não ser já, permaneceria inacessível (FELGUEIRAS, 2005, p. 89).

De acordo com Silva e Orlando (2019), estes espaços físicos e as marcas deixadas passaram a ter mais destaques nas pesquisas acerca do patrimônio no campo da historiografia da educação, os quais eram antes ignorados. Toda a materialidade, espaço físico, práticas escolares, bem como os sujeitos educativos, são parte da memória escolar e são patrimônio educativo, caracterizando-os, dessa forma, como uma herança educativa.

Ao falarmos de herança educativa partilhamos quer o sentido afectivo inerente à nossa condição comum de aluna/o, que fomos, e de professor/a, que somos, quer ainda a perspectiva de uma história social, que trabalha a cultura material articulada com uma visão etnológica. Na herança educativa incluímos, assim, tanto os edifícios, o mobiliário, os materiais didáticos, os materiais dos alunos, os elementos decorativos e simbólicos presentes nas escolas, quanto as práticas de ensino, as táticas dos alunos, as brincadeiras e as canções no recreio, as recordações do quotidiano escolar, que as memórias de professores e alunos podem revelar. Da cantina ao gabinete médico, à actividade administrativa, pretende-se ver a escola como lugar de interacções em que professores, alunos, funcionários e famílias construíram e constroem um espaço relacional, num quadro físico e social estruturado, que participa na definição do conceito de criança. Se as ideias e teorias pedagógicas podem ser conhecidas através de escritos, as rotinas do quotidiano escolar e das vivências da condição de criança, de aluno/a e de professor terão de ser investigadas através das memórias e materiais a elas associados (FELGUEIRAS, 2005, p. 92).

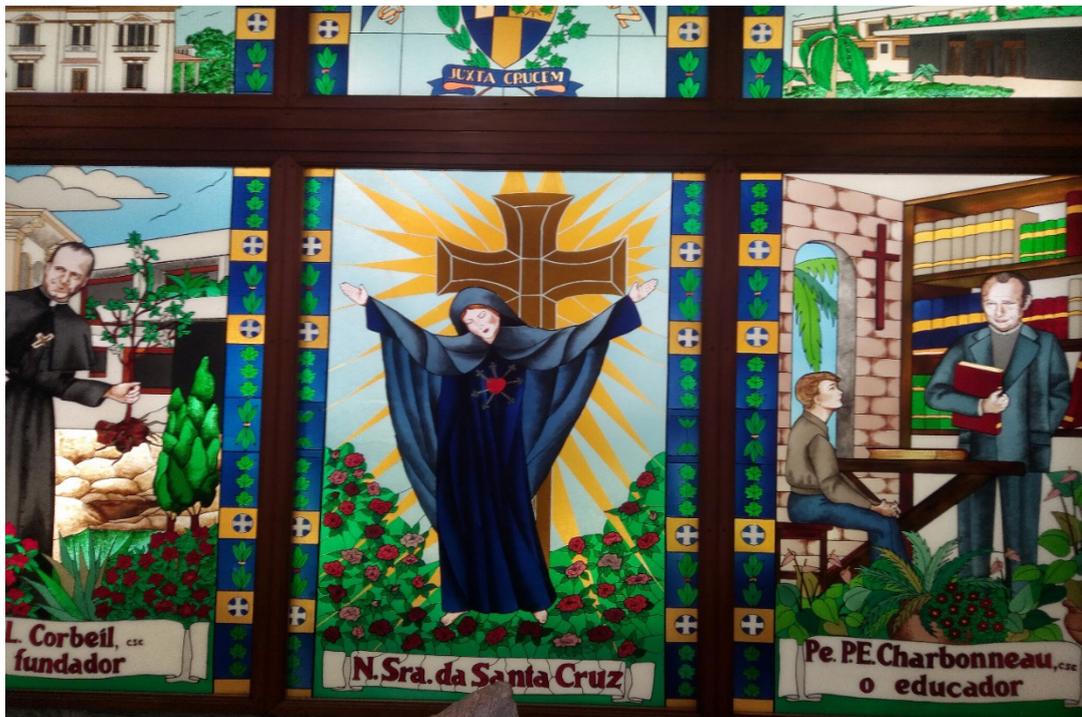
Em suma, a biblioteca Padre Charbonneau é, acima de tudo, patrimônio histórico educativo tendo em vista que reúne um passado vivido por integrantes do colégio, uma herança permanentemente lembrada e revivida pelas atuais e, quiçá, futuras gerações. É também um lugar de memória, porque evoca o passado com a intencionalidade de não legá-lo ao esquecimento, visto que nasceu e foi vivenciado sob o signo da identidade institucional que é a de prostrar-se enquanto escola moderna sem se desprender da tradição.

### **No vidro, o desenho de uma memória: o vitral e a sua representação**

Como mencionamos na introdução, o interesse pelo estudo da biblioteca e do vitral do Colégio Santa Cruz surgiu quando visitamos a instituição, a fim de coletarmos fontes para uma pesquisa em andamento. Nesta visita, após caminharmos pelo amplo terreno da escola,

ao chegarmos na recepção, nos deparamos com uma obra de arte que nos deixou estarecidos: um vitral com a imagem dos três dos principais personagens que representam a história da escola, entres eles o padre Charbonneau. Sim, foi um momento de encantamento por tal beleza, porém, vimos que por detrás daquele objeto artístico há significados para além do que está posto.

**Figura 3.** Vitral exposto no prédio administrativo do Colégio Santa Cruz.



**Fonte:** Acervo pessoal das autoras.

Em um primeiro momento, o vitral pode ser visto como objeto de “decoração” da recepção, ou até mesmo como uma pequena informação acerca da história do colégio. As pessoas representadas estão ali para serem lembradas por todas as gerações e pessoas que circulam na instituição. Destarte, olhar mais a fundo cada detalhe do vitral nos revela um todo muito mais complexo e dinâmico daquilo que está ao alcance dos nossos olhos. Se bem observarmos os detalhes, dele podemos tirar 3 ensinamentos, quais sejam: a base religiosa da escola e os dois principais ícones da escola: o fundador (retratando a história da sua fundação de modo personificado na figura do pe. Corbeil) e o educador modelar (ilustrando a história do pensamento pedagógico da instituição personificada na imagem de Chabonneau). São heranças para serem conhecidas, reconhecidas e lembradas por todos que adentram o prédio administrativo da escola, sejam eles pais, professores e alunos, ou todos os outros que compõem a instituição. É a memória da sua história representada em uma obra artística que se impõe enquanto patrimônio histórico educativo.

Como bem sabemos, os vitrais são comuns na arquitetura de templos católicos e é uma tradição tê-los nestes ambientes, o que os torna também um tipo de iconografia de simbologia religiosa, que salvaguarda o patrimônio do sagrado. A tradição surgiu em tempos mais remotos quando a igreja implementou os vitrais para transmitir os seus ensinamentos e a sua história estampada nas paredes de suas construções. Com o avançar dos anos, eles passaram a ter novas funções e significados e hoje estão presentes em diferentes instituições. Em geral, os vitrais podem ser classificados conforme a sua técnica e seus materiais, de acordo com seus modos de utilização, o que ultrapassa a ideia de algo restrito ao viés religioso:

Vitrais Arquitetônicos – São os vitrais concebidos para uso integrado na estrutura arquitetônica da edificação, como janelas, clarabóias, vitraux, etc.

Vitrais Utilitários/Decorativos – São os vitrais utilizados para a confecção de peças de uso doméstico e decorativas, como luminárias, mobiliário, biombos, etc.

Vitrais Artísticos – São vitrais utilizados exclusivamente para produção artística, principalmente contemporânea, não pertencentes à arquitetura da edificação. Geralmente são adaptados a sistemas de iluminação artificial, como backlights, spots, etc. (MICHELOTTI, 2011, p. 27).

Nessa esteira de pensamento, o vitral exposto na recepção do Colégio Santa Cruz se encaixa na terceira instância da classificação de Michelotti (2011), pois está disposto na parede, não fazendo parte da estrutura arquitetônica da instituição, concebida aqui como obra de arte. Seguindo a tradição da arte dos vitrais, a peça que aqui estudamos apresenta elementos da espiritualidade e tem um estreito vínculo com a memória. É certo que o vitral é uma expressão humana por meio do desenho e, como tal, tem uma linguagem própria – nesse caso, a visual – que difunde conhecimento. Antes de se tornar uma obra de arte, os vitrais são desenhos e esta forma de linguagem é um modelo de expressão de pensamento, como esclarecem Trinchão e Oliveira (1998, p. 163):

[...] o Desenho, historicamente, vem permitindo o reencontro entre o presente e o passado, é expressão gráfica do pensamento ou de uma ideia e tem o caráter de transmissor de informações ao homem com um efeito imediato de interação de comunicação entre as pessoas ou de si mesmo.

Diante do apresentado, como a arte pode educar pelo olhar? Mesmo que as imagens se mostrem silenciosas, existe uma infinidade de saberes de matrizes distintas – religiosos, históricos e sociais – em torno delas. Conforme Nunes (2012), tal peculiaridade tem relação com o fato de o vitral atuar como um vetor de comunicação. Isto porque, a mensagem transmitida pelo vitral é mais que decorativa, visto que incorpora a intencionalidade do sujeito ou sujeitos comunicadores e a concepção dos agentes que o contemplam. Ao caracterizar o vitral como um texto, neste caso, um texto visual, este autor aponta que

[...] cada elemento na composição do vitral desempenha um papel importante na comunicação da mensagem, na verdade, quando se examina um vitral percebe-se que tudo, o arranjo na armação, a pintura, o emolduramento constitui uma só mensagem codificada. Cada elemento desempenha o seu papel na mensagem que é entendida como um todo (NUNES, 2012, p. 90).

A mensagem passada é o texto no formato de uma narrativa. Ao comunicar a mensagem – sem palavras – é retratado um saber sob outra ótica, pois instiga o imaginário ao mesmo tempo em que transmite o ensinamento histórico e cultural. Independentemente da idade, para todos que se deparam com o vitral, os elementos que o compõem chamam a atenção, seja por suas cores vivas ou pelas personagens ali representadas. Embora o uso do vitral no Colégio Santa Cruz seja aparentemente estético, há um significado intrínseco. Ao utilizarmos o

método iconológico desenvolvido por Panofsky (2001), a busca por esses significados envolve outros tipos de documentos que têm uma relação com a obra, sejam eles de caráter político, filosófico, religioso, entre outros. No caso do vitral do Colégio Santa Cruz, há alguns elementos que, em um primeiro momento, parecem ser dispensáveis para interpretação, porém, quando o consideramos, eles agregam sentido ao que está sendo representado.

Vamos à leitura. Primeiramente, nos chamam a atenção as imagens da Nossa Senhora da Santa Cruz e dos padres Lionel Corbeil e Charbonneau. Porém, no plano de fundo, em todo o vitral tem flores e plantas<sup>4</sup> que complementam a mensagem a ser passada, além de componentes e símbolos em referência à escola. Das personagens, a imagem da Nossa Senhora da Santa Cruz, acompanhada de uma cruz ao fundo, representa os ensinamentos religiosos praticados na instituição, uma referência à Congregação de mesmo nome responsável por um circuito de escolas no Brasil e em outros países. A do padre Lionel Corbeil o identifica enquanto fundador do colégio, entretanto, o cenário apresenta dois prédios: um mais acima, que é a primeira edificação, e outro ao fundo, que é o atual. O desfecho da cena se dá com o gesto de plantar por ele realizado, um ato simbólico de plantar e colher os frutos. A imagem do padre Charbonneau o traz como o educador, representação reforçada pela posição que ele ocupa ao que parece ser a de ensinar a um aluno. Completam o lugar onde ambos estão a estante com livros – o que dá a entender ser uma biblioteca – e, na parede, uma cruz. Podemos depreender que estes últimos itens reforçam o seu interesse pelo conhecimento e o seu compromisso com a causa religiosa.

Nesta narrativa, o vitral conta a história da instituição ressaltando os seus atores educativos de relevância com o intuito de salvaguardar a memória das ações/práticas do cotidiano escolar. Desta maneira, os artefatos artísticos podem ser um vetor de significação das personalidades inerentes à escola reafirmando a identidade da instituição? Eles também podem eternizar o ser/fazer dos agentes históricos? Ainda que tais questões se postem, de um modo geral, os artefatos – a exemplo do vitral que se encontra no prédio administrativo do Colégio Santa Cruz e o qual nos serviu como objeto de investigação – são elementos importantes no processo de ensino e aprendizagem e, como tal, são objetos que nos possibilitam pensar acerca de sistemas e realidades escolares. O vitral do Colégio Santa Cruz funciona, assim, como um instrumento educativo, pois congrega elementos passíveis de serem utilizados de maneira interdisciplinar, seja na arte, na história, na botânica e na geografia. Em suma, ele é um patrimônio educativo por fazer parte do conjunto de materiais da escola e, também, porque se constitui enquanto objeto que salvaguarda a historicidade e os valores institucionais, ao mesmo tempo em que apresenta possibilidades remissivas à prática de ensino.

## Considerações Finais

Neste estudo, fizemos inserções a respeito da Biblioteca Padre Charbonneau e do vitral posicionado no prédio administrativo do Colégio Santa Cruz, ambos pertencentes a esta instituição, considerando estes espaços enquanto patrimônio educativo e lugares de memória. Inferimos que estes espaços, ao trazerem fragmentos de um passado remoto, recuperam, de certa maneira, as ações de um ator educativo, cujo significado no interior daquela escola ainda está presente, iniciativa para que este personagem não seja encoberto pelas areias do esquecimento.

Ao considerarmos a posição do Padre Charbonneau enquanto ator educativo, fomos respaldadas a partir da mobilização de questões acerca do patrimônio educativo, no sentido de que a história e a memória pertencentes a esse sujeito são suficientes para que um significado lhe seja atribuído. É possível pensar, nesse sentido, que grande parte desse movimento se deve ao fato de ele estar intimamente envolvido com práticas educativas e desenvolvimento de saberes. Ainda que existam regras institucionais que, de certa forma, normalizam tais práticas, cada sujeito é possuidor da sua própria visão de mundo, porém isso não se converte em um fator complicador, visto que é na sala de aula, conforme Mogarro (2013), onde o conhecimento experiencial é adquirido.

---

4 Flores e plantas que emanam significados que estão além dos objetivos deste texto.

É certo que a Biblioteca Padre Charbonneau não se configura como uma biblioteca pública, mas não podemos ignorar o valor patrimonial histórico educativo que ela representa, e não é só por estar em uma instituição escolar. Ao visitarmos os espaços por ela promovidos e pelas obras dispostas, percebemos o diálogo entre diferentes temporalidades já que todo o ensinamento que está ali disposto carrega saberes de tempos distintos a serem apropriados também em outros tempos,, seja pelos professores e alunos ou por aquelas pessoas que visitam e contam a história, como é o caso das autoras desse artigo.

Embora tenha passado por um processo de modernização, a biblioteca mantém certa historicidade, pois, se olharmos o prédio de sua fundação, muito do que foi reconstruído permanece. Porém, assim como tantos outros espaços escolares que passam por transformações ao longo do tempo, o Colégio Santa Cruz não o fez de maneira diferente, até porque, esta foi uma iniciativa de aproximar seu público contemporâneo, assim como manter o carisma daqueles que por ali passaram e estudaram.

Ainda que a modernidade tenha sido importante nesse processo de reestruturação do espaço, a expectativa não foi a de que ela superasse a essência da escola, ou seja, os seus primórdios, pois os aspectos que resistiram ao tempo são significativos para a aproximação com o passado com vistas a assegurar uma memória, constituindo, assim, os diferentes espaços como um patrimônio histórico educativo. Esta ideia de comunicação com o passado é relevante no sentido de que a escola não se autodestrói, ela se reconstrói. Neste caso, o seu passado é o que respalda a se modernizar. E foi essa herança educativa que nos fez mobilizar questões acerca de patrimônio histórico educativo.

No vitral, esta herança particular é reafirmada à medida que sua ilustração representa os pilares da instituição, como vimos, a Nossa Senhora de Santa Cruz e os padres Lionel Corbeil e Charbonneau. Uma questão a ser colocada relaciona-se com a função tradicional do vitral: a de comunicar e ensinar por meio da linguagem visual. Se bem observarmos, a narrativa apresentada no vitral remonta a história da escola. Uma história que já está presente nas folhas impressas. Entretanto, a intencionalidade de contá-la no vitral é um meio de eternizá-la. Esse modo de narrar possibilita uma imersão mais acessível nessa história pelas marcas produzidas na paisagem. A depender do sujeito que o contempla, não é exigido que tenha a competência da leitura, como nos impressos. Em síntese, a preocupação em preservar e salvaguardar, ações preponderantes para a constituição do campo do patrimônio histórico educativo, faz daquele artefato um meio tanto de eternizar a história da escola quanto de ser instrumento para refletir acerca de questões relativas ao Colégio Santa Cruz e ao padre Charbonneau.

Assim, os documentos, artefatos e espaços de uma escola são partes de um patrimônio educativo. O Colégio Santa Cruz, enquanto instituição escolar, armazena e conserva parte do seu patrimônio com o intuito de perpetuar a sua história a partir dos objetos, acima mencionados, dos quais tem posse. Ao preservar essa história, evoca a memória de todos que ali passaram, principalmente daqueles sujeitos que se notabilizaram, seja pela fundação ou contribuições para a elaboração do projeto pedagógico da escola. O colégio é, dessa forma, um lugar de memória representativa do patrimônio histórico educativo da sociedade.

## Referências

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador – conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**. Tradução por Daniel Pellizzari. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Materialidade da cultura escolar. A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. **Revista Pro-Posições**, v. 16, n. 1 (46), 2005, p. 87-102

MICHELOTTI, Denise. **Arte em vitrais: a salvaguarda, a extroversão e a sociomuseologia**. 2011.

118f. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2012.

MOGARRO, Maria João. Património Educativo e modelos de Cultura Escolar na História da Educação em Portugal. **Revista Cuestiones Pedagógicas**, n. 22, 2013, p. 67-102.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, vol. 10, p. 7-28, dez., 1993.

NUNES, Ricardo Ferreira. **Vitreorum Ministerium**: o didatismo dos vitrais medievais, história e linguagem visual – os vitrais da Yorkminster. 2012. 162f. Tese (Doutorado em Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

PANOFSKY, Erwin. Iconografia e iconologia. In: PANOFSKY, Erwin. **O significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 47-87.

POSSAMAI, Zita Rosane. Patrimônio e História da Educação - aproximações e possibilidades de pesquisa. **Revista de História da Educação**, v. 16, n. 36, 2012, p. 110-120.

SILVA, Alexandra Lima da Silva; ORLANDO, Evelyn de Almeida. **Memória e patrimônio na história da educação**: possibilidades e desafios. **Cadernos de História da Educação**, v. 18, n. 2, 2019, 425-444.

TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa; OLIVEIRA, Lysie dos Reis. A história contada a partir do desenho. In: Congresso Internacional de Engenharia Gráfica nas Artes e no Desenho, 2.; Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico, 13., 1998, Feira de Santana. **Anais...** Feira de Santana: Graphica 98, p. 156-154.

Recebido em 25 de janeiro de 2021.

Aceito em 12 de fevereiro de 2021.